

12月

12月

12月

12月

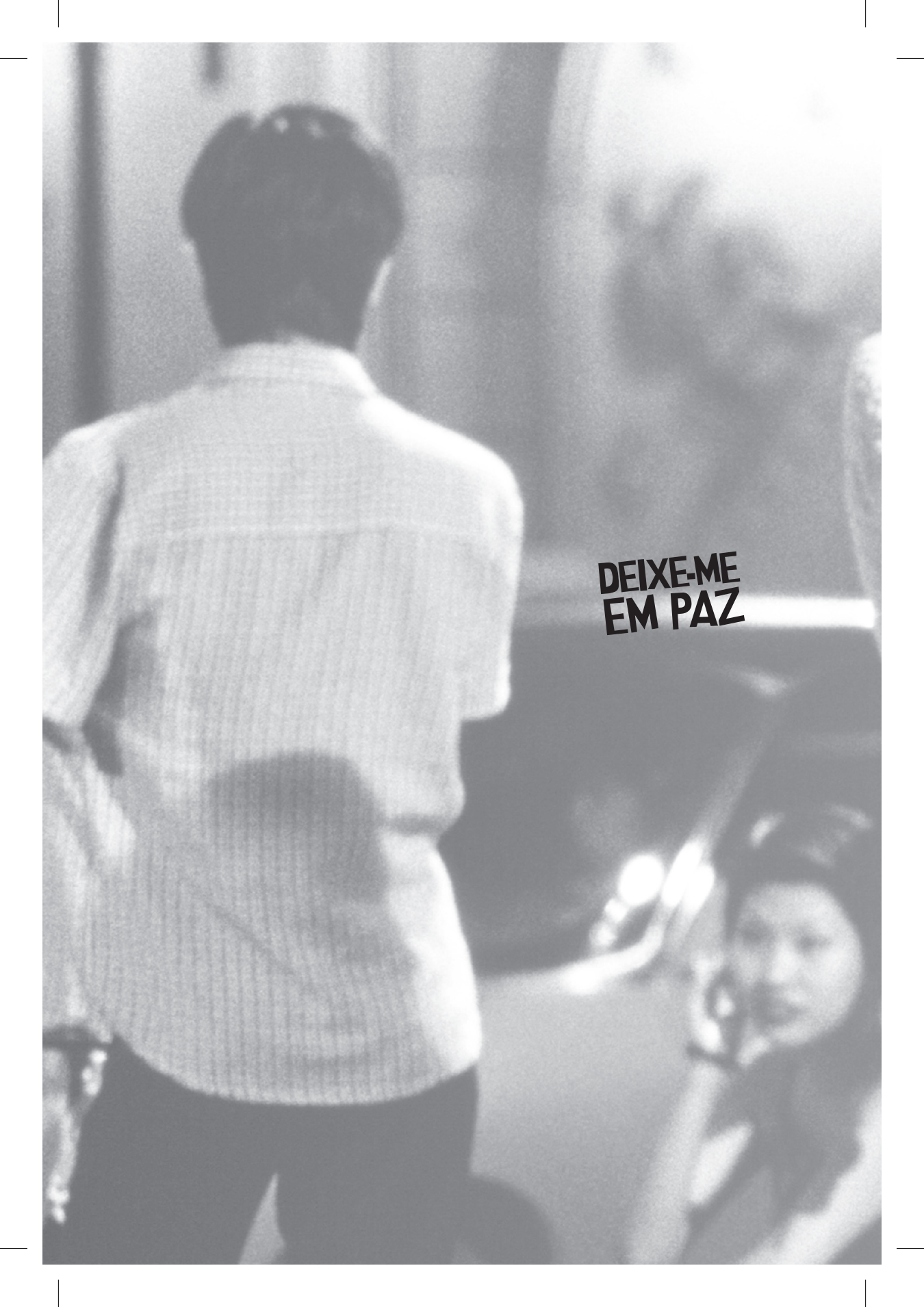
12月

12月

12月

12月



A black and white photograph with a grainy, high-contrast aesthetic. In the foreground, a man is seen from the back, wearing a light-colored, vertically striped short-sleeved shirt and dark trousers. He is looking towards the right side of the frame. In the background, slightly out of focus, a woman is visible, looking towards the camera with a slight smile. The scene appears to be indoors, possibly in a hallway or a room with large windows. The text "DEIXE-ME EM PAZ" is overlaid on the right side of the image.

**DEIXE-ME
EM PAZ**



MURONG

DEIXE-ME EM PAZ

tradução
Karla Lima



Título original:
Leave me alone

Copyright © 2013 by Murong Xuecun

1ª edição — Março de 2014

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Produtora Editorial e Gráfica
Priscila Hernandez

Assistente Editorial
Carla Anaya Del Matto

Auxiliar de Produção Editorial
Isabella Vieira

Projeto Gráfico e Diagramação
Alan Maia

Revisão
Marcia Benjamim
Daniela Nogueira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xuecun, Murong
Deixe-me em paz / Murong Xuecun ;
tradução Karla Lima -- 1. ed. -- São Paulo : Geração Editorial, 2014.

Título original: Leave me alone.
ISBN 978-85-8130-188-4

1. Ficção chinesa I. Título.

13-06999

CDD: 895.13

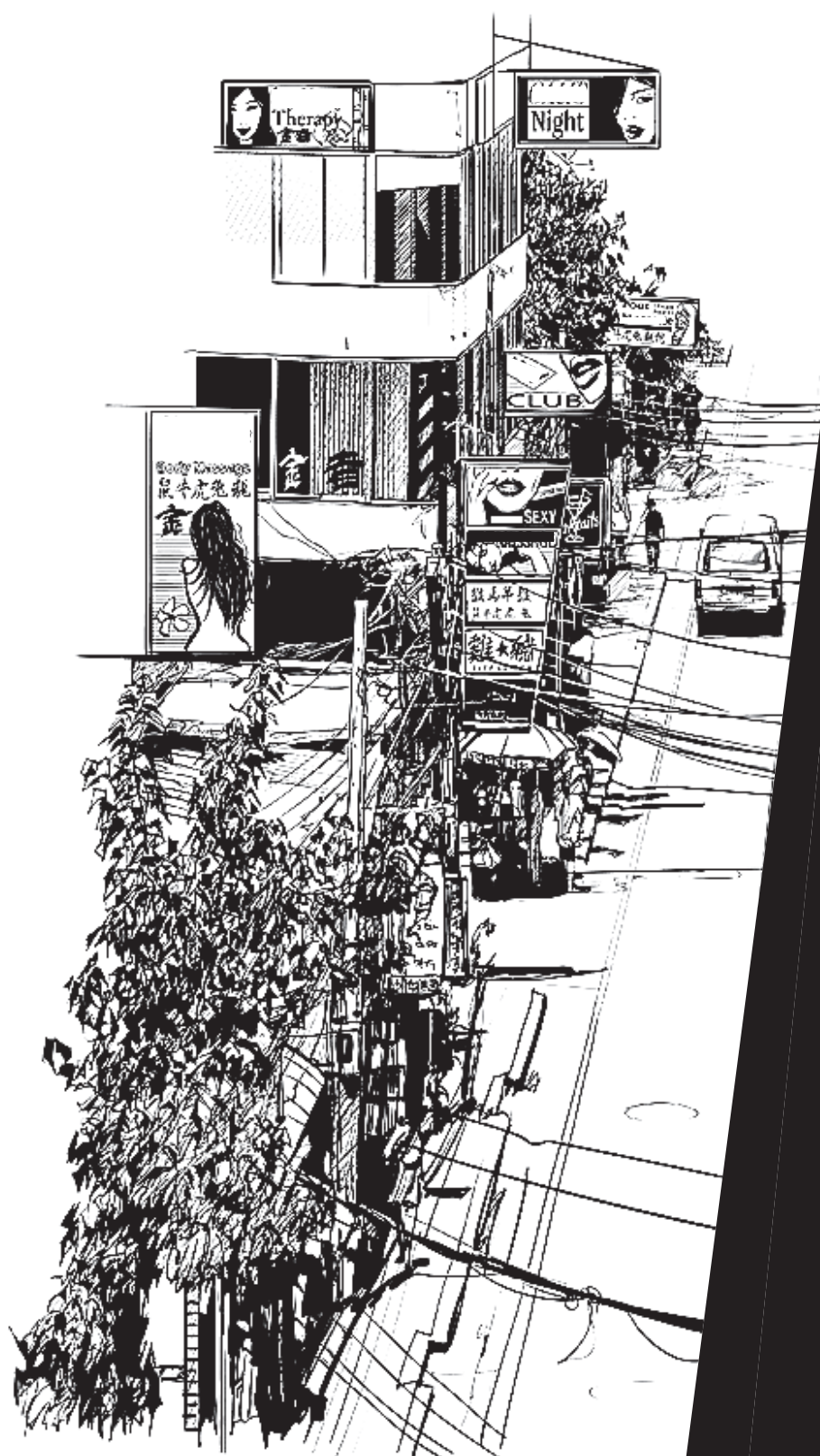
Índices para catálogo sistemático

1. Ficção : Literatura chinesa 895.13

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax.: (+ 55 11) 3256-4444
Email: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil



1

Minha mulher, Zhao Yue, ligou quando eu estava saindo. Ela queria conhecer um novo restaurante de *hotpot*ⁱ que havia sido inaugurado no bairro de Xiyan.

— Você só pensa em comida — eu lhe disse. — Parece uma porca!

Eu estava de muito mau humor porque meu colega Gordo Dong tinha acabado de ser promovido a gerente geral do escritório de Sichuan. Gordo começou junto comigo na empresa. Sua única competência era ser um exímio bajulador, mas eu teria que comer na mão dele dali em diante e pensar nisso me deixava deprimido.

Minha esposa falou:

— Se você não vier, eu vou com outro!

— Você pode até trepar com outro, se quiser.

Mal acabei de falar, Zhao Yue desligou de forma abrupta.

Por alguns instantes, fiquei de pé encarando o telefone do escritório. Depois, pensei que minha esposa não tinha feito nada errado. Ainda assim, eu não estava com disposição para o autocontrole. Peguei minha maleta e saí do prédio.

MURONG

* * *

Em março, a poeira e a fumaça de Chengduⁱⁱ se espalham por todos os lados. Comprei um maço de cigarros em uma banca e fiquei matutando sobre onde passaria o restante daquela noite de sexta-feira. Depois de muito pensar, resolvi procurar Li Liang.

Li Liang era um colega de faculdade. Dois anos depois de se formar, ele pediu demissão de um emprego seguro em uma companhia estatal e começou uma carreira completamente nova no mercado da especulação financeira. Em menos de dois anos, tinha feito uma fortuna de dois ou três milhões de *yuans*. Pensando nisso, tenho de admitir que, às vezes, você tem que acreditar em destino. Na época da faculdade, ninguém teria previsto que Li Liang desenvolveria um talento para investir: ele havia sido pouco mais que meu fiel escudeiro.

Meu palpite era que àquela hora, se ele não estivesse dormindo, estaria jogando *mahjong*. Esse era seu passatempo favorito — quando não o único. Certa vez, quando estudávamos juntos, eu o encontrei após trinta e sete horas ininterruptas de jogatina, durante as quais ele perdeu todo o dinheiro e os vales-refeições. Ele me pediu:

— Chen Zhong, me empreste dez *yuans* para que eu possa comer.

Depois, soube que ele acabou desmaiando em um restaurante fora do *campus*.

Quando cheguei à casa de Li Liang, havia três outros sentados à mesa de jogo: dois caras e uma mulher. Eu não conhecia nenhum deles. Quando ele me viu, disse:

— Ei, mané, tem cerveja na geladeira, DVDs na sala de jantar e uma boneca inflável, sem uso, na cômoda do quarto. Escolha sua diversão!

Os outros riram.

— Vai à merda — respondi, e, colocando algum dinheiro na mesa, perguntei: — De quanto é a aposta?

A mulher sentada em frente a Li Liang respondeu que era o dobro ou nada. Dei uma olhada na carteira e encontrei mais de 1.000 *yuans*, o que eu achei que dava para começar.

Li Liang apresentou seus convidados. Dois eram de fora da cidade e tinham vindo para consultá-lo sobre o mercado futuro de ações. A moça se chamava Ye Mei e aparentemente era filha do dono de uma empreiteira sem importância. Eu abri uma cerveja e me aproximei dela para espiar seus peitos. Ela vestia uma malha vermelha e uma calça *jeans* justa. Tinha seios fartos, uma cintura fina muito interessante, e balançava as longas pernas. Senti uma agitação abaixo da linha da cintura e tomei apressadamente um gole de cerveja para ver se acalmava as coisas.

Depois de algumas rodadas de *mahjong*, Li Liang se levantou para ir regular o som e me chamou para entrar em seu lugar. Logo de cara, Ye Mei me fez de bobo com suas peças e perdi 200 *yuans*. A sorte não estava mesmo comigo, e poucas mãos depois não restava mais nada de meus 1.000 *yuans*. Pedi mais algum dinheiro para Li Liang. Ele xingou e me jogou a carteira. Nessa hora, meu celular tocou. Era Zhao Yue.

— O que você está fazendo?

— Jogando *mahjong*.

— Se divertindo, hein? — Seu tom era hostil.

Respondi que estava bem, ao mesmo tempo em que descartava uma peça.

— Quando você vem para casa? — Zhao Yue perguntou.

— Talvez eu fique jogando a noite toda, então não se incomode de me esperar acordada.

Zhao Yue desligou sem dizer nem mais uma palavra.

Depois dessa ligação, minha sorte virou. Passei a ganhar, e a ganhar muito. Os dois caras zombaram de mim dizendo que tanta sorte no jogo significava que eu estava prestes a ter problemas na vida pessoal. Fizeram piada dizendo que eu deveria checar se minha

MURONG

mulher não estava tendo um *affair*. Sorrindo, eu simplesmente continuei a passar o dinheiro deles para meus bolsos.

Às 3 horas da manhã, quando limpei a mesa pela quarta vez, Ye Mei se levantou e exclamou:

— Chega! Tem alguma coisa errada com este jogo. Nunca vi alguém com tão desagradável maré de sorte.

Fiz um balanço de minhas vitórias e concluí que não apenas havia recuperado os 1.000 *yuans* perdidos, como ainda tinha 3.700 *yuans* extras — isso era mais da metade de meu salário-base mensal. Sentindo-me por cima, reabasteci o copo de Ye Mei e o meu, joguei-me no sofá e declamei de improviso um dos poemas de Li Liang: “A vida vem de repente, foda-se!”

Nós havíamos criado um grêmio literário na universidade. Eu era o presidente, ele, o poeta. Era a fachada perfeita para levar para a cama as fãs de literatura. Como Cabeção Wang, nosso colega de quarto, disse uma vez: “As mãos de vocês dois estão manchadas com o sangue de virgens”.

Apesar de tudo, a situação no trabalho estava realmente me depressimindo. Eu queria dormir, mas sabia que não conseguiria, e ainda acordaria Zhao Yue se fosse para casa. Ela me perguntaria onde estive e começaríamos a brigar. Os vizinhos estavam fartos de nossas brigas na madrugada e do barulho da quebradeira de louça. Mas, se não fosse para casa, não havia lugar para onde eu pudesse ir.

Recorri a Li Liang:

— Ei, vamos cair na vida! O grande irmão aqui convida você para uns drinques, e aproveitamos para levar a princesinha para casa.

Li Liang me jogou a chave do carro e disse que não iria. Pediu que eu deixasse os dois caras no hotel e acompanhasse Ye Mei até em casa. Na saída, ainda avisou-a:

— Cuidado com esse cara, ele não é bom sujeito — advertiu, apontando para mim. — O apelido dele é “Monge Devassador de Flores”.

Ye Mei riu e perguntou se Li Liang tinha em casa alguma faca ou tesoura para lhe emprestar.

— Não precisa. Se ele tentar alguma coisa, é só chutar bem nas bolas — respondeu Li Liang.

* * *

A madrugada estava mortalmente silenciosa. Quando passávamos pelo palácio de Qing Yang, subitamente me veio à lembrança a primeira vez em que Zhao Yue e eu passeamos nesse lugar. De olhos fechados, brincamos de tentar acertar o ideograma vermelho da “longevidade” na parede. Aconteceu que eu toquei o traço e ela tocou o pingo. Eu disse:

— Divirta-se com sua longevidade, já que pegou o “pinto”ⁱⁱⁱ.

Ela caiu na gargalhada. Agora ela estaria dormindo, e eu a imaginei abraçada a um travesseiro, roncando, com a luz acesa. Voltando de uma viagem de negócios, certa vez, foi assim que a encontrei.

Ye Mei acendeu um cigarro e perguntou:

— Você está pensando em sua amante? Está com um sorriso sacana.

— Claro, estava pensando em você. Quando deixarmos aqueles dois no hotel, você vem para casa comigo, está bem?

— Infelizmente, eu não poderia aguentar o tranco de sua mulher.

Eu sorri maliciosamente pensando que, se ela suportasse o meu, estaria tudo bem.

Nunca fui capaz de resistir às tentações sexuais. Li Liang até escreveu um poema dedicado a mim:

*Nessa noite esplendorosa
Transbordando de hormônios
Chengdu, sua pele macia
É como minha tristeza
Andando nu no sorriso de Deus
Não tenho escolha em Yanshikou em março*

MURONG

“Não tenho escolha” quer dizer que nunca quero escolher. Li Liang me censurou uma vez, dizendo que eu não deixaria passar nem um porco. Para defender seu ponto, ele enumerou minhas namoradas nos dedos: a professora de educação física, que tinha pele escura; a dona do restaurante, que pesava 150 quilos; a garçonete feia o bastante para assustar qualquer um; e a vendedora de grissini com bafo de alho. Eu retruquei que era ele que não sabia apreciar a beleza feminina. Por exemplo: a professora de educação física era alta, media um metro e setenta e sete, e seu apelido era Peônia Negra; a dona do restaurante era roliça e macia como a famosa concubina imperial Yang^{iv}; a garçonete era uma gostosa: tinha busto quarenta e quatro e, caso ela tropeçasse, os seios serviriam de *airbag*, e completei:

— E você não acha que minha amante da lanchonete se parece com nossa colega de faculdade Ning Dongdong?

— Podre! Você realmente não é nem um pouco exigente — resmungou ele.

* * *

Deixei os parceiros de jogo no hotel e fiquei sozinho com Ye Mei. Eu dirigia o carro bem devagar, encarando-a até que ela começou a parecer constrangida. Pouco a pouco, seu rosto enrubesceu. Eu dei uma risadinha maliciosa, e lá se foi o rubor:

— Está rindo do quê?

Eu perguntei se ela era virgem ou não.

Seus olhos faiscaram de fúria.

— Como me arrependo de não ter pegado uma faca da cozinha de Li Liang! Castraria você de um só golpe.

Segundo minha experiência, quando uma garota diz uma brincadeira desse tipo, é porque ela não se importa em ser seduzida. Além do mais, eu havia lido em algum lugar que a madrugada é o período em que as mulheres estão mais fragilizadas. Sob o pretexto

de arrumar o ângulo do retrovisor lateral, parei o carro e colei meu corpo ao de Ye Mei. Ela estremeceu levemente, mas não ofereceu resistência, então aproveitei para enlaçar sua cintura. Ela protestou:

— Você é mau! Se tentar isso de novo, terei que sair do carro.

Suspirei e relutantemente recolhi o braço.

— Quem te deu o direito de ganhar todo meu dinheiro, afinal?

— sussurrou.

Ao ouvir isso, morri de alegria e a abracei forte.

The first part of the paper discusses the importance of understanding the cultural context of the research. It highlights the need for researchers to be sensitive to the values and beliefs of the communities they are studying. This is particularly important in the field of education, where cultural differences can significantly impact learning outcomes. The paper then moves on to discuss the challenges of conducting research in culturally diverse settings. It notes that researchers often face difficulties in finding appropriate research methods and in interpreting the data they collect. To address these challenges, the paper suggests that researchers should adopt a more flexible and open-minded approach to their research. This involves being willing to learn from the community and to adapt their research methods as needed. The paper also emphasizes the importance of building trust and rapport with the community. This is essential for ensuring that the research is conducted in a respectful and ethical manner. Finally, the paper concludes by noting that while there are many challenges to conducting research in culturally diverse settings, it is also an opportunity to gain valuable insights into the lives of people from different cultures. By taking the time to understand and appreciate these differences, researchers can make a positive impact on the communities they study.